

Brasil investe no único corante natural do planeta

A conscientização mundial dos perigos de intoxicação com corantes artificiais, largamente utilizados em vários países nos gêneros alimentícios, tem dado evidências, a cada ano, da real potencialidade dos corantes naturais provenientes de plantas. O Brasil se encontra em posição privilegiada, por possuir uma rica diversidade vegetal e estar investindo em pesquisas de melhoramento genético do único corante natural do planeta na tonalidade vermelho-alaranjado: o urucum.

De olho no mercado mundial, pesquisadores do Instituto Agronômico de Campinas (IAC) e Embrapa do Pará, estão conduzindo experimentos com urucum, visando alcançar maior produtividade da bixinha, substância responsável pela cor extraída do pó vermelho da semente. Os estudiosos querem a obtenção de um alto teor do corante por semente, estimado em três a cinco por cento. As variedades nativas não atingem mais de 2,5 por cento.

Expectativas dos cientistas brasileiros indicam que dentro de dez anos os produtores nacionais serão os maiores fornecedores mundiais de semente e do pó do urucum. Atualmente, o Brasil lidera a produção mundial de urucum, com uma quantidade atingida em 1988 de cinco mil e 700 toneladas. Cerca de 40 variedades de urucuns brasileiras e sul-americanas estão sendo analisadas nas estações experimentais do IAC no estado de São Paulo, dentro do programa de melhoramento.

Segundo Nilson Maia, da seção de plantas aromáticas e medicinais do IAC, a

primeira variedade mundial melhorada do urucum deverá ser brasileira. Maia ressalta que o urucum não sofre restrição quanto ao seu uso em alimentos, possui um grande poder tintorial e um largo espectro de cores, que vai do amarelo ao vermelho-alaranjado.

Basicamente utilizado pela maior parte dos países industrializados em alimentos (salsichas, massas, molhos e condimentos, margarinas, sorvetes, sucos, laticínios, bebidas etc), os pigmentos do urucum são aplicados em outros setores industriais. Fabricantes de cosméticos (bronzeadores, batons, cremes etc), área madeireira de corantes, vernizes e ceras, setor têxtil, cromatografia (tela, película e filme) e tintas (óleo, esmalte etc), são conhecidos usuários dos subprodutos do urucum.

A engenheira florestal Eliana Gorgulho relata que até há poucos anos, o estado da Paraíba era o maior produtor nacional. Hoje, no Estado de São Paulo estão as maiores lavouras mecanizadas de urucum do País, incentivadas pela importância econômico-social crescente no contexto agroindustrial desta planta. "Os principais esforços de melhoramento estão sendo com a variedade peruana, que já apresentou bons teores de bixinha nas sementes", conta a especialista em melhoramento.

Botânica — Conhecido de longa data dos índios brasileiros para pintura de corpo, culinária, proteção à pele contra raios do sol e como repelente a insetos, o urucum é uma planta tropical tipicamente sul-americana. De acordo com o químico Paulo Carvalho, do Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), o pigmento corante do urucum está localizado na superfície do pericarpo da semente, ou seja, na sua porção mais externa. O nome científico da planta (*bixa orellana*) foi dado em homenagem ao explorador espanhol Francisco de Orellana.